

PONENCIA

EL PAPEL DE LOS CONFLICTOS GEOPOLÍTICOS
DE LA CUENCA DEL PLATA EN LA FORMACIÓN
POLÍTICA Y ECONÓMICA DE LOS PAÍSES DE
LA REGIÓN

Eduardo CRESPO

Talita ALVES DE MESSIAS



**II CONGRESO DE ECONOMÍA
POLÍTICA INTERNACIONAL
2014**

"LOS CAMBIOS EN LA ECONOMÍA MUNDIAL.
CONSECUENCIAS PARA LAS ESTRATEGIAS DE
DESARROLLO AUTÓNOMO EN LA PERIFERIA"

Resumen: la mayoría de los estudios históricos sobre el desarrollo económico de los países latinoamericanos suelen partir de sus respectivas inserciones en la división internacional del trabajo como proveedores de materias primas, en línea con la tradición cepalina. Rara vez estos estudios analizan los conflictos civiles e internacionales que condujeron a la formación de los estados nacionales de la región. Es decir, el desarrollo político suele estar ausente a la hora de analizar el desarrollo económico. En este trabajo se analizarán los principales conflictos geopolíticos del siglo xix que influenciaron en la formación de los estados nacionales de la cuenca del plata como presupuestos para interpretar las distintas trayectorias nacionales de desarrollo económico.

Abstract: most historical studies on the economic development of latin american countries often start from their respective incorporation in the international division of labor as suppliers of raw materials, in line with the eclac tradition. Rarely these studies analyze civil and international conflicts that led to the formation of national states in the region. That is, the political development often is absent when analyzing economic development. In this paper we analyse the major geopolitical conflicts of the xix century that influenced the formation of national states in the plata basin as points of departure for the national economic development trajectories of the region.

1. Introdução

Nos debates contemporâneos sobre os processos históricos que levaram ao desenvolvimento político e econômico, i.e., à formação dos estados-nacionais modernos e à incorporação das técnicas e condições materiais facilitadas pela revolução industrial, paulatinamente vão se incorporando variáveis explicativas que até poucas décadas atrás eram desconsideradas pela maioria dos historiadores econômicos. O papel que desempenham as diferentes condições geográficas, as transformações do comércio internacional e o impacto das guerras interestatais são casos paradigmáticos destas novas preocupações teóricas, cada vez mais frequentes na análise especializada.

Na grande tradição da historiografia europeia, a obra de ferdinand braudel¹ talvez seja o exemplo de maior destaque no qual as diferentes unidades políticas de uma determinada região geográfica, sejam cidades, impérios ou estados nacionais modernos, se relacionam em forma sistemática através dos ‘jogos’ das guerras e do comércio de longa distancia.

A literatura dominante na historiografia econômica contemporânea, atrelada à teoria marginalista, coloca especial ênfase nas instituições liberais² ou nas diferentes tradições culturais,³ à hora de explicar a origem da riqueza ou da pobreza das nações. Felizmente, em oposição a estas abordagens de caráter eminentemente subjetivas e eurocêtricas, nas últimas décadas surgiram valiosas contribuições de inconfundível origem materialista, e surpreendentemente compatíveis com a tradição clássico-marxista da economia política,⁴ como as de jared diamond⁵ e alfred crosby,⁶ que mostram até que ponto condições geográficas desiguais influenciaram as diferentes trajetórias de desenvolvimento econômico, militar, político e colonial. A onnipresente materialidade do clima e das condições atmosféricas influenciaram as atividades agrícolas, a criação de animais, a desigual difusão de epidemias e consequentemente repercutiram na extração do nível de excedente mínimo indispensável sobre o qual se edifica toda ‘civilização’ desenvolvida e qualquer divisão do trabalho sofisticada.

Outra corrente de crescente importância é aquela que pondera a relevância das guerras e da concorrência interestatal nos processos que levaram à consolidação dos aparelhos estatais⁷ e por essa via também, ao desenvolvimento econômico, toda vez que se reconhece a importância do estado (forte) como base para atingir o segundo. A experiência europeia da concorrência interestatal sistemática e da guerra crônica, em contraste com regiões mais estáveis e menos fragmentadas do ponto de vista geopolítico, como o milenário império chinês, tem

1. Braudel (1966, 1979).

2. Acemoglu e Robinson (2012).

3. Landes (1998).

4. Cesaratto (2012).

5. Diamond (1997).

6. Crosby (1986).

7. Tilly (1992).

levado a muitos autores a pensar o estado territorial europeu moderno surgido após a paz de vestefália (1648), como uma ‘maquina de guerra’, que em sua mortal concorrência com outras unidades estatais é obrigada – mediante práticas de tipo ‘mercantilistas’ – a desenvolver sua capacidade de tributação, promover o comércio de longa distância e gerar condições que impulem o desenvolvimento das forças produtivas nos seus territórios.

Segundo alguns autores, a independência das antigas colônias espanholas da américa derivou na ‘balcanização’⁸ de um território antes integrado pela força. Antes da independência, os diferentes espaços coloniais tinham escassas ou nulas relações entre si e se relacionam com o mundo unicamente através da metrópole, o que explicaria a fragmentação uma vez desaparecida a mesma. Tratava-se de cidades-porto e áreas de exploração agrícola ou mineiras desconectadas do resto do continente e vinculadas em uma relação ‘norte-sul’ com espanha, ou em seu defeito, com seus concorrentes também europeus, através da pratica generalizada do contrabando.

Contudo, a bacia do prata,⁹ com sua abundância de rios navegáveis e sua saída para o atlântico, constitui um espaço naturalmente integrado e apto para o desenvolvimento do comércio interior e exterior. Estas peculiaridades geográficas conectaram de fato todas as unidades políticas da região após a independência, através do complexo ‘jogo’ de guerras, comércio, finanças, alianças e intrigas diplomáticas que dominaram o espaço platense desde 1806 até 1870. Por outro lado, na historiografia regional já existe uma conhecida, mesmo que fragmentada, tradição que identifica na geografia comum vários traços que permitem analisar a trajetória dos diferentes atores estatais nos termos de um sistema que compõe uma autentica unidade de análises.¹⁰

Os países do prata que se tornaram independentes da espanha e de portugal nas primeiras décadas do século xix herdaram de suas antigas metrópoles a disposição a manter conflitos em torno de seu controle. No início da colonização europeia, a importância estratégica desta bacia relacionava-se ao fato de que a maior parte da prata extraída em potosí, na região andina, era escoada para o atlântico através dos rios que a compõem. Entretanto, desde o século xvii, com a instalação das missões jesuíticas, a região foi ganhando importância como espaço especialmente apropriado para os cultivos tradicionais dos climas temperados, a cria de gado e o povoamento baseado em imigração europeia. Em outras palavras, a região da bacia do prata também possui as típicas características das chamadas “sociedades de nova colonização”, fato que a foi convertendo ao longo do século xix em um espaço geopolítico estratégico para as unidades políticas pós-coloniais e para as potências europeias, especialmente inglaterra e França, que buscavam converter, tanto por meios diplomáticos quanto militares, a região do *mar dulce* em sua área de influência comercial e financeira.

Com relação a influencia das guerras no desenvolvimento político e econômico da américa latina, alguns autores, com especial destaque para miguel angel centeno,¹¹ argumentam que na região as guerras só mostraram sua face destrutiva e sanguinária sem ter exercido nenhum papel significativo na consolidação de estruturas estatais solidas, com significativo poder de tributação e capacidade de intervenção. Uma estrutura social fundada no latifúndio, unida a previa existência de um sistema financeiro internacional já organizado, teria substituído o modelo europeu clássico onde a guerra associava-se ao aumento da capacidade de tributação e intervenção, pelo modelo latino americano onde a guerra só trouxe endividamento externo e importação de armas do exterior. Em outras palavras, na região os efeitos ‘multiplicadores’ das guerras vasariam para ‘fora’ dos territórios nacionais. Depois das conflagrações interestatais, os estados da américa latina teriam sempre ficado endividados e enfraquecidos. Mesmo que esta conclusão possa ser adequada em termos gerais, argumentaremos neste trabalho que a argentina que emergiu da sanguinária guerra do paraguai representou uma exceção parcial a esta regra.

2. Independência e expansão financeira britânica

As revoluções que tiraram o império espanhol de suas colônias americanas deixaram o império do brasil em uma posição privilegiada na concorrência econômica e geopolítica pelo controle da bacia do prata, já que com a sua independência de portugal, o brasil herdou a estrutura estatal portuguesa em forma quase íntegra, em

8. Ramos (1975).

9. A Bacia do Prata integra parte dos territórios da Argentina, Brasil, Uruguai, Bolívia e a totalidade do Paraguai.

10. Tampouco deveria surpreender que o principal processo de integração na América do Sul tenha começado com acordos entre países da Bacia.

11. Centeno (1997).

contraposição à fragmentação e ‘balcanização’ que predominava entre as antigas colônias espanholas. Uma dessas heranças foi a organização financeira do espaço territorial. O príncipe regente de Portugal, D. João VI, logo após chegar às praias brasileiras, escoltado pela marinha da Inglaterra em 1808, decretou a criação de um banco e de um tesouro público para suprir gastos do governo e para que houvesse capital de giro no sistema. A abertura dos portos ao comércio, e as expedições militares para o sul, na banda oriental, faziam necessário o aumento de saldos em dinheiro.¹²

Contudo, desde os anos prévios à revolução de maio de 1810 que arrebatou o poder espanhol em Buenos Aires, o prata já se encontrava em uma fase de relativa prosperidade decorrente de um emaranhado processo que abrangeu desde as invasões inglesas de Buenos Aires e da banda oriental em 1806 e 1807, até a decisão do vice-rei Baltasar Hidalgo de Cisneros de abrir o comércio com a Inglaterra e permitir a livre navegação nos rios da bacia. Esta circunstância acabou gerando um forte incremento das rendas aduaneiras, já que só partir desse momento o governo de Buenos Aires conseguiu taxar o crescente comércio com a Inglaterra que até então era realizado através da prática do contrabando. Sem estas rendas, o estado nascente não teria se sustentado, levando em conta sua crônica guerra civil que confrontava projetos provinciais antagônicos, a guerra de independência com a Espanha e o contínuo confronto e concorrência com o Portugal - e depois com o Império do Brasil - pelo controle da banda oriental.¹³

Inglaterra também possuía interesses financeiros nas novas nações hispano-americanas. O primeiro e principal era garantir o livre comércio na região, o que necessariamente envolvia complexas negociações diplomáticas com Espanha e com as novas unidades políticas em torno do reconhecimento da independência. Depois da ocupação da República de Batávia – que incluía a atual Holanda - pela França revolucionária em 1795, o centro financeiro da Europa deslocou-se de Amsterdã para Londres de forma definitiva. No final do período napoleônico, a Inglaterra estava em plena fase de expansão financeira, a liquidez era abundante e seu sistema bancário tinha condições para fornecer financiamento a outros países. Este foi o estopim a partir do qual os países latino-americanos começaram a colocar títulos da dívida pública nominados em libras esterlinas no mercado de Londres, com o intuito de financiar suas guerras de independência, as primeiras obras públicas, a montagem do aparato estatal, ou até mesmo indenizações a estrangeiros e à antiga metrópole como sucedera com o Brasil em 1822. Assim, na década de vinte do século XIX, à América Latina foram destinados os primeiros empréstimos denominados em libra para fora da Europa.¹⁴

No cone sul, o Império do Brasil e Buenos Aires atraíram as casas bancárias mais respeitadas e conservadoras do velho continente, como Rothschild e Baring Brothers. O primeiro herdou de Portugal fortes relações com a Inglaterra, fato que gerava confiança entre o público financeiro inglês pelos títulos do país. Entretanto, Buenos Aires dominava a região mais rica do antigo vice-reino do Rio da Prata e possuía uma grande comunidade de habitantes ingleses, circunstância que também gerava segurança entre os emprestadores.

Enquanto a maioria da dívida contraída pelos novos estados latino-americanos tinha os gastos militares como o principal objetivo, o Império e Buenos Aires inicialmente tinham outras finalidades. Buenos Aires ainda possuía excedentes fiscais.¹⁵ Seu primeiro empréstimo, de £ 1.000.000 Contratado em 1824, tinha a finalidade de promover obras públicas, como a construção de um moderno porto em Buenos Aires, edifícios para cárceres, infraestrutura de água corrente e três novos povoados entre Buenos Aires e Carmen de Patagones.¹⁶ Ainda que a dívida não tenha sido usada como previsto, por conta do início da guerra cisplatina com o Brasil, teve um papel importante, já que financiou a criação do Banco da Província.^{17 18} Esta instituição, inicialmente dominada por cidadãos de nacionalidade britânica,¹⁹ facilitou o desenvolvimento de um primitivo sistema financeiro local e estimulou o crédito doméstico através da amortização das volumosas dívidas internas do governo, facilitando a emissão de novos títulos.²⁰

12. PELÁEZ e SUZIGAN, 1981.

13. PUIGGRÓS, 2006.

14. Fora da Região platina o sistema financeiro inglês emprestou 7 milhões de libras ao México, 6,75 à Grande Colômbia e 1,82 ao Peru.

15. MARICHAL, 1988.

16. PAYRO, 2006, pág. 440.

17. MARICHAL, 1988, p. 46.

18. O Banco da Província se converteria no Banco Nacional em 1826.

19. PAYRO, 2006.

20. MARICHAL, 1988.

Já o império do brasil, dispunha de um banco público à beira da falência e enfrentava as enormes despesas que a manutenção de um país de extensão continental demandava. Aproveitando a grande liquidez internacional, o império optou pelos empréstimos externos, que totalizaram três antes de terminar a década. O primeiro foi dividido em duas partes: uma foi negociada em 1824 por baylett, farquhar & co., Alexander & co., E wilson shaw & co., Alcançando £ 1.000.000; A segunda, de £ 2.000.000, Foi negociada pela casa rothschild em melhores condições.²¹ Dos três milhões de libras esterlinas devidos, £ 600.000 Foram depositadas no banco do brasil, e o restante foi despendido nos gastos do império brasileiro com missões diplomáticas à europa, e com compras de navios e provisões militares para a guerra cisplatina que estourara em janeiro de 1826. O terceiro empréstimo foi o preço que o brasil pagou por sua independência: no contrato assinado em 29 de agosto de 1825, d. Pedro I assumiu em nome do país uma dívida portuguesa no valor de £ 1.400.000, Referente a um empréstimo feito por portugal em 1823, mais £ 600.000 De indenização pelos bens da coroa portuguesa que foram deixados em território brasileiro.

Em 1825, com a crise na europa, e o estouro da bolha especulativa na city de londres que tivera origem nos títulos da dívida pública latino-americana, a crise se espalhou para o novo continente. Os preços dos títulos dos empréstimos latino-americanos caíram aceleradamente e 36 bancos quebraram, além de diversas empresas comerciais. As reservas do banco da inglaterra baixaram de 13,5 milhões de libras, em janeiro de 1824, para 11,2 milhões em dezembro de 1825.²² Esgotara a fonte de recursos externos dos novos países, dificultando o pagamento dos empréstimos feitos anteriormente. Assim, de todos os devedores latino-americanos, apenas o império do brasil não suspendeu os pagamentos de sua dívida externa, o que o caracterizou dentre estes como o melhor pagador por todo o século XIX.²³ Buenos aires, pelo contrário, só voltaria a pegar empréstimos em londres a partir de 1851.

3. O longo conflito pelo controle da banda oriental: da guerra contra artigas à guerra da cisplatina

Ao longo da primeira década do século XIX, com a transferência da corte portuguesa ao brasil e o início dos movimentos pela independência das colônias espanholas, o conflito pela bacia do prata foi ganhando um contexto diferente daquele dos tempos coloniais. Com o agravamento das lutas revolucionárias da região, a sublevação de josé gervasio artigas na banda oriental contra o poder espanhol ameaçava alastrar-se para o rio grande de são pedro. Por motivos de segurança d. João VI não aceitava mais se manter neutro como pretendia a inglaterra, país que mantinha uma posição ambígua com relação à espanha e aos regimes revolucionários: desde a invasão de napoleão à península ibérica, a primeira virou um aliado inglês, mas ao mesmo tempo a abertura dos antigos portos coloniais pelos novos regimes surgidos da revolução lhe acarretava grandes vantagens comerciais e financeiras. Neste contexto, portugal iniciou a ocupação da banda oriental em junho de 1811 enviando 50 navios ao rio da prata à procura de uma suposta pacificação do território oriental, e com base na desculpa de que a invasão tentava apoiar as (aliadas) forças espanholas na cidade sitiada de montevidéu que ainda resistiam às tropas patrióticas dirigidas por artigas. Entretanto, os motivos já iam além dos conflitos metropolitanos entre portugal e espanha. Nas palavras de moniz bandeira:

A necessidade de arrebatar muare e a concorrência que a pecuária e as charqueadas da banda oriental faziam às do rio grande de são pedro, 50% menos produtivas, concorreram, naturalmente, para a invasão. Mas foi sobretudo o fator político que a precipitou. O príncipe d. João, cujas tropas já haviam chegado ao paraguai para combater as de manuel belgrano, receava que montevidéu caísse em mãos de artigas e dos contingentes de buenos aires, aumentando o perigo de que a “anarquia revolucionária” contaminasse o brasil. (Bandeira, 2012, p. 80).

A inglaterra buscava mediar entre buenos aires e cádis para chegar a um acordo sobre a futura organização da região, e nessa conjuntura a intervenção portuguesa atrapalhava as negociações. Assim, diante da pressão inglesa, três meses depois da invasão foi proposto um armistício entre portugal, buenos aires e as tropas espanholas refugiadas em montevidéu, pelo qual o brasil foi obrigado a sair da banda oriental. Porém, tendo artigas recusado o acordo que deixava buenos aires como província hegemônica das províncias unidas, o brasil seguia ameaçado pela luta artiguista e suas propostas republicanas e populares para a organização do uruguai, que incluíam medidas radicais como a reforma agrária e a abolição da escravidão, com perigosos impactos sobre o rio grande.

21. DAWSON, 1998.

22. BIGGS, 1987, p. 74.

23. ABREU, 1999.

Três anos depois, a decisão das províncias unidas de se declararem uma república independente no congresso de tucumán de 9 de julho de 1816, foi julgada como uma ameaça para o regime monárquico e escravista da monarquia portuguesa.²⁴ Nesse congresso, aliás, não estavam representadas as províncias que compunham a chamada “liga dos povos livres” ou “liga federal”,²⁵ liderada pelo próprio artigas, que se opunha à hegemonia do unitarismo *porteño* sobre as províncias unidas. Nesse contexto, d. João vi decidiu enviar novamente tropas para combater artigas em agosto de 1816 com a aprovação tácita do governo de buenos aires que dessa forma se livrava do *caudillo*. A invasão fez incursões também nas províncias de corrientes e entre ríos. As tropas luso-brasileiras comandadas por carlos federico lecor derrotaram as forças artiguistas e ocuparam montevidéu em janeiro de 1817.

A ocupação tinha especial importância para a monarquia luso-brasileira, já que permitia não apenas a posse do local mais estratégico para garantir a segurança do interior de seu território, as regiões de mato grosso e goiás, como permitia anexar toda a banda oriental, o que ocorreu finalmente em 1821. Sendo chamada de província cisplatina, a anexação realizava o velho objetivo estratégico lusitano de tomar posse de uma das entradas do rio da prata. Por outro lado, os produtores de charque do rio grande de são pedro utilizavam os estoques de gado da banda oriental, tornando seus produtos mais competitivos do que os produzidos em buenos aires. Mas não foi fácil manter essa posse por muito tempo.

O governo de buenos aires dirigido por martín rodríguez, no qual bernardino rivadavia era o ministro de governo, em abril de 1825 decidiu apoiar a invasão da banda oriental pelos “trinta e três orientais” liderados por antonio lavalleya e manuel oribe, que buscavam expulsar aos luso-brasileiros da província. Vários fazendeiros e comerciantes de buenos aires, como juan manuel de rosas, tomás y nicolás anchorena, apoiaram e financiaram a campanha oriental. Após a invasão, o brasil declarou guerra às províncias unidas, em dezembro de 1825. Concomitantemente, o congresso geral das províncias unidas, que tinha sido convocado por buenos aires em 1824, aproveitou a oportunidade criada pela emergência da guerra para aprovar por lei a criação da presidência da república das províncias unidas do rio da prata com o escopo de dispor de unidade de mando diante a ameaça brasileira. O primeiro presidente foi bernardino rivadavia, que comandou até junho de 1827 as operações de guerra contra o brasil.

Os principais confrontos militares em solo oriental, com destaque para a batalha de ituzaingó, foram ganhos pelas províncias unidas. A guerra era impopular no brasil, tanto que alguns soldados e até regimentos abandonavam o exército imperial para unirem-se aos republicanos de lavalleya e oribe.²⁶ Contudo, o brasil manteve uma superioridade naval que lhe permitiu bloquear o porto de buenos aires a partir de dezembro de 1825, atingindo o tráfico de mercadorias na região, o que não ocorria desde a disputa pelo território entre portugal e espanha. O bloqueio significou um duro golpe para as finanças das províncias unidas. Isto gerou sérios problemas para o presidente rivadavia, que enfrentava movimentos separatistas nas províncias que ameaçavam a integridade do território, ao discordarem da constituição unitária proclamada em 1826. Além disso, o império ainda dominava as duas principais cidades uruguaias, montevidéu e colônia do sacramento. Com isso rivadavia tentou entrar em acordo com o imperador, para acabar logo com a guerra. Seu enviado plenipotenciário, manuel josé garcía, assinou assim a convenção preliminar de paz em 24 de maio de 1827, acordando que a província cisplatina ficasse com o império, que a ilha martín garcía fosse desarmada, e que a navegação nos rios prata, paraná e uruguai fosse liberada. O acordo indignou a opinião pública das províncias unidas, gerando uma crise política que derivou na renúncia de rivadavia, que achava o acordo ‘vergonhoso’.

Mas, quando parecia que a guerra iria continuar indefinidamente, a inglaterra entrou em cena. Para os ingleses a disputa entre o império e as províncias unidas era um fator de prejuízo. Este país buscava garantir o livre comércio junto a um irrestrito acesso aos rios, entrepostos comerciais e pontos de abastecimento da bacia. Além disso, as comunidades britânicas na região faziam a intermediação entre a monarquia inglesa e as elites locais, pedindo e justificando a intervenção da potência na américa do sul para garantir essas atividades. Desta forma, a inglaterra forçou o fim da guerra por meios diplomáticos, apoiando a criação do uruguai enquanto estado-tampão, viabilizando-o como um ponto de apoio regional para a política marítima inglesa ao garantir o acesso ao rio da prata, evitando um desequilíbrio entre buenos aires e brasil, ou uma eventual união entre os dois.²⁷

24. BANDEIRA, 2012.

25. A liga estava integrada pelas províncias de Córdoba, Corrientes, Entre Ríos, a Província Oriental, Santa Fé e os povos das Missões.

26. BANDEIRA, 2012.

27. PADRÓS, 1996.

Para bandeira,²⁸ “a guerra entre o império do brasil e as províncias unidas refletiu, basicamente, uma disputa pelos estoques de gado da banda oriental”, a matéria-prima de que necessitavam os saladeiros do rio grande e buenos aires. Já francisco doratioto²⁹ coloca a guerra da cisplatina como o último conflito gerado por lógicas coloniais, apesar de cada lado ter setores com possibilidades de ganhos econômicos com a vitória. De todo modo, o que restou após a guerra foi uma economia arrasada no uruguai, e um estado dividido entre dois grupos, *blancos* e *colorados*, que disputavam o poder em aliança com os federais e os unitários, respectivamente. Estes últimos disputavam pela força o poder das províncias unidas, conflito civil que culminou com a ascensão de juan manuel de rosas ao cargo de governador e capitão-geral da província de buenos aires em dezembro de 1829. E o império do brasil, que na guerra perdeu oito mil homens e gastou o equivalente a 48 mil contos-ouro³⁰ tentava manter a unidade do país lutando contra as revoltas separatistas que se deflagravam nesses anos ao longo do território.

4. A guerra grande

A disputa pelo controle territorial e pelas rendas derivadas do comércio nos rios da bacia do prata também foi a base das tensões que levaram à guerra que acabou com a liderança do rosismo na confederação argentina. Reconhecendo a complexidade das circunstâncias, a multiplicidade dos atores e o caráter flutuante de suas alianças, é possível identificar a direção geral do conflito uma vez que se reconhece que ainda não estavam definidas as respectivas unidades territoriais que iriam compor os futuros estados-nação da região.

O território do que iria se tornar o uruguai havia-se constituído numa república em 1830 e teve frutuoso rivera como seu primeiro presidente eleito. Do confronto entre ele e juan a. Lavalleja, que havia declarado a independência do país em 1828, surgiram os dois partidos rivais mencionados acima: *colorados* e *blancos*. A rivalidade entre os dois grupos derivou na batalha de carpinteria, em 1836, o primeiro estopim de uma longa guerra que foi ganhando tamanhas proporções até se tornar um conflito internacional: a guerra grande, que se estendeu de 1839 a 1851, e que envolveu os territórios de uruguai, a confederação argentina, o império do brasil, e até contou com as interferências da França e da Grã-Bretanha.

Os *colorados* tinham estreitas relações com os gaúchos da república rio-grandense, no atual rio grande do sul, que tinha declarado a sua secessão do império do brasil em 1835. De acordo com alguns historiadores, existiu o projeto comum de criar uma república separada que devia integrar rio grande do sul com uruguai, e que teve derivações em outras regiões do sul brasileiro como a chamada “república Juliana”, em Santa Catarina. Os *blancos*, por seu lado, com Oribe como líder principal, eram sustentados por Rosas e recebiam de Buenos Aires apoio militar. Mas, a confederação argentina tampouco era um espaço monolítico. Muitos opositores a Rosas, como os unitários, também participavam dos conflitos uruguaios, já que estavam exilados nesse território e o utilizavam como plataforma para suas operações na confederação. Por sua vez, as províncias do litoral da confederação argentina, mesmo dirigidas por líderes federais, questionavam o monopólio do porto exercido por Buenos Aires, sua apropriação excludente das rendas do comércio e seu bloqueio dos rios da bacia. Esse era o caso, em especial, da província de Entre Rios e seu líder Justo José de Urquiza. Por sua vez, desde março de 1838 até outubro de 1840 uma frota francesa manteve um bloqueio sobre o porto de Buenos Aires e forneceu financiamento e armas à oposição unitária a Rosas, exilada no uruguai, e ao governo dos *colorados* que sofriam o assédio dos *blancos* de Oribe na cidade de Montevideu.³¹

Após o bloqueio francês, novamente desde agosto de 1845 até agosto de 1850, esquadras anglo-francesas bloquearam todos os portos da bacia do prata, com a exceção de Montevideu, em reclamação pela intromissão das forças de Oribe no uruguai e pelo sítio de Montevideu que ‘violentava’ a ‘soberania nacional’ uruguia. Contudo, o real motivo dos bloqueios era garantir o livre trânsito e o livre comércio pelos rios interiores da bacia, comprometidos pela política de “apropriação do rio” exercida pela Buenos Aires de Rosas.

28. Op. Cit. 2010, p. 107.

29. DORATIOTO, Francisco, 2008.

30. Op. Cit., 2010, p. 99

31. A França reclamava um tratamento do país como nação mais favorecida, nos mesmos termos que a Inglaterra, e a isenção dos cidadãos franceses de fazer o serviço militar. Por sua vez, a França apoiava ao general Santa Cruz, líder da confederação Peruano-Boliviana, no conflito com a Confederação Argentina dirigida por Rosas, pelo controle de territórios pertencentes às atuais Províncias de Jujuy na Argentina e Tarija na Bolívia.

Nesse tabuleiro, o império do Brasil e o Paraguai eram as unidades políticas mais estáveis: “o estado brasileiro e o Paraguai, em meados da década de 1840, já estavam suficientemente estruturados para, no caso do Brasil, ter uma política ativa em relação ao Prata e, no caso do Paraguai, se articular externamente na defesa de sua independência”.³² Os agentes do império inicialmente estavam mais preocupados em garantir a reintegração do Rio Grande ao seu território e eliminar as bases da revolução gaúcha. Esta situação os aproximava do Partido Colorado Uruguaio, e consequentemente os opunha a Rosas, que para eles buscava submeter Uruguai e Paraguai para assegurar o monopólio *porteño* sobre o rio. A eventual recriação do antigo vice-reino do Rio da Prata era considerada uma grande ameaça para o império, que passava por uma conjuntura diplomática tensa com relação à Inglaterra, por não querer revalidar o tratado de comércio de 1827. Assim, quando França e Inglaterra entraram em acordo com Buenos Aires aceitando em boa medida as condições impostas por Rosas, o império passou a apoiar militar e financeiramente a Urquiza e a Montevideu na campanha que acabou com o governo de Rosas na batalha de Caseros, em 3 de fevereiro de 1852.

O apoio financeiro se deu através de Irineu Evangelista de Souza, futuro Barão de Mauá, que substituiu o subsídio francês àquela cidade, a partir de 1850. Acordava-se assim que o império, no papel de Mauá, forneceria mensalmente a Montevideu uma ajuda de 18 mil pesos fortes mensais, por treze meses, com garantias nas receitas fiscais da República Oriental, quando se restabelecesse a ordem.³³ Em seguida, pela aliança com Urquiza, o império forneceu 100 mil patações, por dez meses. Essa dívida estaria garantida pela hipoteca das rendas e terrenos de propriedades públicas da confederação.³⁴

Essa foi a conhecida “diplomacia dos patações”,³⁵ que teve no banqueiro Mauá sua figura fundamental. Aproveitando-se da oportunidade de submissão que a frágil condição do Uruguai oferecia, o Brasil fez cinco tratados com este país que consolidaram sua dependência ao capital brasileiro. Nestes tratados, o Uruguai reconheceu a dívida contraída com o império durante a guerra, pelo empréstimo de 138 mil patações, e ainda recebeu mais 60 mil patações pelo prazo que fosse necessário. Em 1854, diante da crise política que vivia o Uruguai, o império foi evocado a intervir, e quando seu exército chegou, já foi para consolidar o golpe dos Colorados. As despesas da intervenção ficaram por conta do Uruguai. Já em 1854 foi autorizado ao império pagar ao Uruguai 720.000 Patações, o que representava 1,8% das exportações brasileiras. E por fim, o Uruguai recebeu em 1858 110 mil patações, com juros de 6%, para serem gastos com “despesas futuras da repartição da guerra, marinha, estrangeiros e governo”.³⁶

Após a revolução do dia 11 de setembro de 1852 acontecida em Buenos Aires,³⁷ que dividiu as províncias argentinas em duas entidades políticas independentes, Buenos Aires por um lado, e a Confederação Argentina por outro, o império do Brasil também começou a inserir suas finanças no espaço argentino. Em 1857 a Confederação Argentina recebeu mais um empréstimo de 314 mil patações, ou 603 contos de réis. No ano seguinte Mauá instalou uma filial de seu banco com depósitos à vista na cidade de Paraná, que tinha a permissão para cunhar moedas de ouro e prata. Por conta desses empréstimos, o patação se tornou moeda corrente em todos os países do Prata.³⁸ Esse financiamento também ajudou a Urquiza para vencer na batalha de Cepeda, em 1859, obrigando a Buenos Aires a aceitar a constituição federal da confederação.

O apoio brasileiro à Confederação Argentina se devia ao fato de que as províncias do litoral argentino eram muito mais favoráveis à livre navegação dos rios do que Buenos Aires.³⁹ Aliás, se a Confederação conseguia submeter definitivamente Buenos Aires ao seu controle, iriam estar garantidas as rendas necessárias para pagar as dívidas anteriores que a mesma ainda mantinha com o império. Assim, o império do Brasil saiu consolidado enquanto estado e país dominante da região após a guerra grande e a derrocada de Rosas. O Uruguai tornou-se um “mero protetorado do Brasil”,⁴⁰ enquanto que as províncias que compunham a Confederação Argentina passaram a ter fortes laços financeiros com o império. Ao manter a independência do Paraguai e Uruguai, o Brasil impediu a reconstituição do antigo vice-reino do Rio da Prata pretendida por Rosas.

32. DORATIOTO, 2002, p. 25-6.

33. ALMEIDA, 2005, p. 200.

34. Idem.

35. SOUZA, 2013.

36. ALMEIDA, 2005, p. 208.

37. Esta revolução, como quase todos os eventos políticos relevantes da época na região, também teve como causa fundamental o controle dos recursos que iriam ser auferidos pela exploração do comércio na Bacia do Prata. Em particular, Buenos Aires – esta vez governada por uma aliança entre unitários e antigos rosistas – se opunha, como nos tempos de Rosas, à nacionalização da alfândega de Buenos Aires e à livre navegação dos Rios da Bacia.

38. BANDEIRA, 2012, p. 201.

39. DORATIOTO, 2002, p. 34.

40. BANDEIRA 2012, p. 147

5. Guerra do paraguai

A vitória da confederação na batalha de cepeda de 1859 não tinha acabado com a guerra civil argentina. Em 1862 voltou a se rodar um novo capítulo dessa longa história. Desta vez o presidente derqui, sucessor de urquiza no governo da confederação, perdeu a batalha de pavón para mitre, e assim a confederação e buenos aires voltaram-se a unificar, com a liderança de buenos aires. Esta mudança na situação política argentina inclinou a maioria dos federalistas do interior a procurar apoio no governo *blanco* de uruguai, liderado pelo presidente bernardo berro.

O presidente uruguaio buscava acabar com a presença do império do brasil no seu país não renovando o tratado de comércio e navegação de 1851, eliminando os privilégios ao comércio brasileiro e suprimindo as garantias dos pagamentos das dívidas com o império. Também começou a cobrar pagamentos pelas reses que saíam do uruguai para as charqueadas no rio grande do sul. Por outro lado, o porto de montevidéu nas mãos de um governo *blanco* servia de alternativa ao de buenos aires, o que dificultava o controle dos *porteños* sobre os *caudillos* federalistas que governavam as províncias argentinas. Desta forma, berro se indispôs tanto com buenos aires quanto com o império, vendo estes dois estados vantagens na derrubada do presidente uruguaio. Foi assim que venancio flores, do partido *colorado*, obteve o apoio de buenos aires para invadir o uruguai em abril de 1863, e depois do império que também invadiu o uruguai por seu lado, sendo estas invasões o estopim para a guerra do paraguai, conhecida como a “guerra da tríplice aliança”, o maior e mais sanguinário conflito armado da américa do sul.⁴¹

O presidente do paraguai, francisco solano lópez, que tinha assumido a presidência em 1862 logo após a morte de seu pai, carlos antonio lópez, temia uma eventual unificação argentina liderada por buenos aires, já que suspeitava que resultasse num ataque ao paraguai. Por outro lado, o aniquilamento da independência uruguaia pela intervenção brasileira e a presumível aliança do império com o buenos aires liderado pelo *porteño* bartolomeu mitre, arriscava a livre navegação do prata e comprometia gravemente a independência do paraguai.

Por este motivo, lópez decidiu atacar o brasil em novembro de 1864 apoderando-se do buque marquês de olinda em asunción, no qual viajava o governador da província brasileira de mato grosso. No mês seguinte invadiu a mesma província. Em abril de 1865 forças de paraguai também invadiram -sem a autorização do presidente mitre- a província argentina de corrientes para atacar às tropas brasileiras localizadas no uruguai. Este episódio acabou envolvendo o governo argentino no conflito. Segundo diferentes fontes, lópez tentava-se aproveitar da longa guerra civil argentina inclinando para sua causa alguns *caudillos* argentinos; em especial imaginava contar com o apoio de urquiza, apoio que finalmente não se concretizou.

Contrariando as expectativas dos protagonistas, que esperavam um confronto de resolução breve, a guerra do paraguai foi uma longa, onerosa e extenuante tragédia continental. O paraguai perdeu aproximadamente a metade de sua população total e 90% de sua população masculina,⁴² ao tempo que teve de ceder territórios e funcionou durante várias décadas como um protetorado informal das embaixadas do brasil e da argentina.⁴³

No caso do brasil, apesar de ter conquistado alguns territórios, por conta de uma guerra cujo cenário era distante e muito complicado em matéria logística, teve de afrontar enormes despesas que acabaram por liquidar até mesmo seu sistema bancário. Entre 1865 e 1870 o país gastou 600.000 Contos-ouro por causa da guerra e teve de solicitar um empréstimo de 6.963.600 Libras esterlinas ao sistema financeiro inglês (o maior empréstimo tomado pelo império até então). O serviço da dívida passou a representar 60% do saldo da balança comercial que o país vinha tendo a partir de 1860.⁴⁴ No plano político, a guerra acabou favorecendo a ascensão de uma força militar, republicana e progressista, que defendia inclusive o fim da escravidão. Mas, a pior perda do brasil foi estratégica, já que a partir de então terminaram suas chances de exercer uma hegemonia na região do prata.

Paradoxalmente, esta hegemonia foi conquistada finalmente por buenos aires, cidade que saiu fortalecida política e economicamente de guerra, em contraposição –ao menos parcial– ao argumento de centeno. Este diferente desempenho se explica pelo fato de ter sido este sanguinário confronto o episódio final da longa guerra

41. Depois das guerras napoleônicas e até a Primeira Guerra Mundial em 1914, a Guerra do Paraguai figura como o segundo maior conflito interestatal do mundo detrás da Guerra da Crimeia (KRAAY e WHIGHAM, 2004, pag. 1).

42. Mesmo que as consequências demográficas da Guerra do Paraguai ainda continuam a ser objeto de debate, devido em parte à precariedade das fontes, o Paraguai talvez tenha sido o país a sofrer a maior queda proporcional de sua população por causa de uma guerra internacional.

43. KRAAY e WHIGHAM, Op. Cit., pag. 13.

44. BANDEIRA, 2003, p. 51.

civil entre buenos aires e os *caudillos* das províncias do interior argentino.⁴⁵ Argentina, como país unificado, consolidou durante a guerra da tríplice aliança um exército nacional que já não foi contestado com sucesso pelas forças armadas locais ou provinciais.⁴⁶

6. Conclusão

A consolidação territorial dos estados-nações que integram a bacia do prata, reproduziu o típico padrão internacional baseado no complexo e sanguinário jogo que mistura guerras, comércio e finanças. Mesmo que nas décadas consideradas neste trabalho, no espaço platense não surgiram estruturas estatais sólidas, com ampla capacidade de tributação, eficazes para quebrar velhos atavismos sociais e impulsionar bem sucedidos processos de modernização e desenvolvimento industriais, no caso argentino a simultaneidade da guerra civil como a guerra do paraguai, na segunda metade da década de 1860, permitiu acabar com a primeira consolidando um exército nacional com capacidade incontestável de exercer o monopólio da força num território nacional unificado.⁴⁷ Paradoxalmente, nessa década também ocorreram processos de centralização similares em outras latitudes. Reconhecendo as distâncias históricas pertinentes, foram os casos da guerra civil em estados unidos, as unificações de alemanha e itália, a restauração meiji no japão.

Mesmo que a bacia do prata é uma riquíssima região temperada, excepcional do ponto de vista agropecuário, e muito adequada para a navegação e o comércio interior, apresenta uma restrição geográfica evidente:

A sua desembocadura no *mar dulce* e logo no atlântico constitui um típico *choke point*, o ponto de estrangulamento, geopolítico. Isto é, se uma força militar, mesmo que fraca, consegue controlar a estreita passagem pelo delta do rio da prata, pode bloquear o comércio e as atividades de todas as regiões da bacia, o que lhe dá uma grande capacidade de chantagem e um imenso poder econômico relativo. Este foi o caso dos governos dos fazendeiros de buenos aires durante a maior parte do século xix.

45. POMER, 1986.

46. Um dado ilustrativo desta conclusão é que nesses anos Argentina perdeu mais vidas nos conflitos civis que se desenvolviam no interior de seu território que nos confrontos diretos com as tropas paraguaias.

47. Território que iria a se ampliar ainda mais em 1878-79 com a Campanha do Deserto.

Referências

- ABREU. **Brasil, 1824-1957: bom ou mau pagador**. Rio de Janeiro: Departamento de Economia - PUC-Rio, 1999.
 - ACEMOGLU, Daron e ROBINSON, James. **Why Nations Fail. The Origin of Power, Prosperity and Poverty**. Crown Publishing Group, 2012.
 - ALMEIDA, Paulo Roberto de. **Formação da Diplomacia Econômica no Brasil: as relações econômicas internacionais no Império**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo; Brasília: Funag, 2005. 675 p.
 - BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A expansão do Brasil e a formação dos estados na Bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
 - **Brasil, Argentina e Estados Unidos: Conflito e Integração na América do Sul - Da Tríplice Aliança ao MERCOSUL**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2003. 680 p.
 - BIGGS, Gonzalo. **A crise da dívida latino-americana e alguns precedentes históricos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
 - BRAUDEL, Ferdinand. **El mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II**, 1966 (segunda edición). Edição Castelhana: Fondo de Cultura Económica, 1987.
 - **Civilization and Capitalism 15th-18th Century, Vol. III. The Perspective of the World**, 1979. Edição em inglês: Williams Coli ins Sons & Co Ltd London and Harper & Row New York 1984.
 - CENTENO, Miguel Angel. **Blood and Debt: War and Taxation in Nineteenth-Century Latin America**. Chicago University Press, 1997.
 - CESARATTO, Sergio. **The surplus approach and institutions: Diamond vs. Acemoglu & Robinson**. No site: <http://nakedkeynesianism.blogspot.com.ar/2012/08/the-surplus-approach-and-institutions.html>
 - CROSBY, Alfred. **Ecological Imperialism: The Biological Expansion of Europe, 900-1900**. Cambridge university Press, 1986.
 - DAWSON, Frank Griffith. **A Primeira Crise da Dívida Latino Americana: a City de Londres e a Bolha Especulativa de 1822-25**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
 - DIAMOND, Jared. **Guns, Germs, and Steel: The Fates of Human Societies**. W. W. Norton, 1997.
 - DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
 - **O Império do Brasil e a Argentina: (1822 - 1889). Textos de História**, Brasília, v. 16, n. 2, p.217-247, 2008. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/textos/article/view/951>>. Acesso em: 06 jun. 2014.
 - KRAAY, Hendrik e WHIGHAM, Thomas L. **I Die with My Country, Perspectives on the Paraguayan War, 1864-1870**. University of Nebraska Press, 2004.
 - LANDES, David. **The Wealth and Poverty of Nations. Why Some Are So Rich and Some So Poor**. W. W. NORTON & COMPANY. London, 1998.
 - MARICHAL, Carlos. **Historia de la deuda externa de América Latina**. Madrid: Alianza Editorial S.A., 1988.
 - PADRÓS, Enrique Serra. A “Pax Britânica” e a independência do Uruguai: Estado-Tampão e balcanização do espaço platino. **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 4, n. 5, p.107-135, jul. 1996. Semestral. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/issue/view/604/showToc>>. Acesso em: 20 nov. 2013.
 - PAYRO, Roberto Pablo. **El Rio de la Plata: de colônias a naciones independientes**. De Solís a Rosas, 1516-1852. Alianza Editorial, 2006.
 - PELÁEZ, Carlos Manuel, SUZIGAN, Wilson. **História Monetária do Brasil**. 2ª Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
 - POMER, León. **Cinco años de guerra civil en la Argentina**. Amorrortou, 1985.
-

- PUIGGRÓS, Rodolfo. **Historia Económica del Río de la Plata**. Buenos Aires: Retorica Ediciones, Altamira, 2006.
 - SOUZA, Joanna Santos de. **A Diplomacia do Patacão: queda de Rosas e a nova configuração de forças no Prata (1850-1858)**. 2013. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
 - RAMOS, Jorge Abelardo. **Historia de la Nación Latinoamericana**, Peña Lillo editor, 1975. Reeditado por Ediciones Continente, 2012.
 - TILLY, Charles. **Coercion, Capital and European States: AD 990 – 1992**. Cambridge, Mass. 1992.
-